

JT- 12/06/86

Data Foto P C

190

Índios

E a "khoiré", dos cantos, volta aos krahós.

Peça de valor histórico — para brancos e índios — a machadinha é devolvida aos seus primeiros proprietários.

"Cidade grande, cidade fria. Lugar estranho." Os índios krahós não entenderam São Paulo. Mal acomodados, sentindo-se presos — no conjunto residencial da USP —, ficaram aqui por dois meses. "Tempo de sofrimento." Mas a causa era importante e nada os fez desistir. Nem a saudade de sua gente, das aldeias em que moram no exterior Norte de Goiás, da liberdade de se movimentar, sem as roupas que a cidade exige, da pesca junto ao Tocantins, da caça e do cerrado em que vivem. Vieram para recuperar sua machadinha "khoiré", da qual se separaram há quase 40 anos. Dada, em 1947, em troca de uma espingarda, ao antropólogo Harald Schultz, ela esteve durante esse período exposta num museu paulista, o do Ipiranga. Ontem, afinal, voltou às mãos de seus donos originais. Vitória para os krahós.

Numa cerimônia de entrega concorrida, na própria Cidade Universitária — rodeados pela imprensa; o presidente da Funai, Romero Jucá Filho; o diretor do museu do Ipiranga, Orlando Marques de Paiva; o diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, João Batista Borges Pereira e vários antropólogos — os índios receberam das mãos do reitor da USP, José Goldemberg, a tão

esperada machadinha. Essencial para seus rituais e a única de que têm notícia, hoje em dia. Fascinado, eximindo-a com os dedos, o cacique Pedro Penón — chefe de uma das aldeias krahó, o mais velho do grupo — explicou que "gente dessa cidade não sabe o que ela significa".

— É a machadinha da alegria, dos casamentos, dos batizados, da iniciação dos guerreiros. É a machadinha dos cantos. Da valentia na hora da briga.

Sua lâmina é de pedra, em forma de meia lua — feita por grupos pré-históricos que viviam na região e encontrada pelos krahó posteriormente —; seu cabo de madeira, revestido de algodão, cipó e talos de palmeira trançados. Por que uma peça assim seria insubstituível para esses índios? A antropóloga, professora e presidente da Associação Brasileira de Antropologia Manuela Carneiro da Cunha — que já escreveu um livro sobre os krahó — esclarece a questão.

De início, havia várias dessas machadinhas. Usadas não só pelos krahós, mas por outros índios do mesmo grupo lingüístico, como os apinajés e os canelas, com muitas funções — sempre ligadas a rituais. Entre os apinajés, por exemplo, eram dadas aos jovens que se



Na USP, a devolução "em comodato", da machadinha.

Foto: Alfredo Rizutti.

iniciavam na vida adulta de guerreiros. Entre os krahós, serviam de insígnia dos grandes "cantadores". Os cantos, para esses índios, têm significado especial. Nem todos podem ser aprendidos por quem quiser: eles têm os seus donos, que são os grandes "cantadores". E estes, nos momentos de manifestação de sua arte, penduravam a machadinha a tiracolo. Um símbolo de união e de alegria também em festas como casamentos e batizados, acrescenta o cacique. E de valentia, na hora da luta.

No modo de vida indígena, explica Manuela, dentro de cada al-

deia o povo sente-se auto-suficiente para a reprodução de sua cultura material. Com divisão de trabalhos masculinos e femininos, os índios sabem que podem contar com eles mesmos para tudo o que precisam. E o que acontece quando uma peça importante — é impossível de ser refeita — como a machada "khoiré" lhes falta? Todas as que possuíam foram sendo perdidas, trocadas por outros objetos. Era preciso recuperar a última que eles têm notícia — graças ao antropólogo Schultz, que a conduziu ao museu — a todo custo. Por isso, sabendo de sua existência (através

da própria viúva de Schultz, também antropóloga) há cerca de cinco anos, os krahós passaram a querê-la de volta. E a obtiveram, finalmente. No entanto, a receberam em regime de comodato, em troca de um bastão de madeira indígena, também usado em rituais de iniciação dos guerreiros. Foi a maneira que o departamento jurídico da própria Universidade de São Paulo encontrou de acomodar a situação: os índios mantêm a guarda da machadinha, que por enquanto continua a fazer parte do patrimônio da USP. É uma peça tombada, juntamente com todo o acervo do museu paulista. Mas seu destombamento já está sendo providenciado.

O mito

Segundo a lenda — que agora o cacique Penón ensinará aos jovens krahós —, em tempos antigos, numa época em que esses grupos indígenas passavam muita fome, um índio chamado Haltant disse aos outros que viera de um lugar onde havia fartura de caça. Era preciso levá-los até lá. Depois de muito re-lutar, seu filho e seu genro, então, decidiram acompanhá-lo ao local, chamado "pé do céu". E assim seguiram sempre na direção leste, enfrentando perigos terríveis. Como a travessia de uma gigantesca

teia de aranha, que só puderam transpor transformando-se em pássaros. Ou a ventania tão forte que acabou matando um deles. Mas finalmente chegaram à terra da fartura, onde ouviram um canto maravilhoso, ao pé de uma serra. Lá em cima, Haltant encontrou um picapau — o dono daquela música. E a ave lhe deu de presente a machadinha, dizendo que ela era seu filho. E que através dela, o povo Khohé aprenderia seu canto.

A volta

Os krahós agora sentem-se livres. "Abriram a porta da prisão", disse ontem o chefe de uma de suas aldeias, Aleixo Pohi. Já podem voltar à sua terra, depois de dois meses sofridos, à espera da burocracia e das decisões da cidade grande. Não passaram fome, pois conseguiram algum dinheiro "com amigos", para pagar sua comida. Mas sentiram frio e o "desrespeito de São Paulo", comentou o cacique Penón. Acostumado a receber o tratamento de um verdadeiro chefe de grupo, ele explicou:

— Se um de vocês fosse à nossa aldeia, não teria de comprar a própria comida. Nós alimentamos, recebemos, ensinamos. Aqui, foi tudo diferente. Agora, só queremos voltar.

Lindinha Sayon